

BRICOLAGENS COM ARQUIVOS DE FREQUENTAÇÃO EM UMA PESQUISA ENTRE DOCÊNCIA E ARTE

Mayra Corrêa Marques
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Cristian Poletti Mossi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo: Esta comunicação trata-se do recorte de uma dissertação em andamento desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na linha de pesquisa Arte, Línguagem e Currículo, sob orientação do Prof. Dr. Cristian Poletti Mossi, que é co-autor deste trabalho. A dissertação é intitulada "Por um modo de existência vira-lata: bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte". Os arquivos de frequentação são a trama de materiais que energiza a pesquisa: sensações, restos, rascunhos, memórias, esboços, encontros, imagens, sons, sabores, entre outras coisas que são colocadas em diálogo para ativar outros modos de existência. Nesta comunicação, pretendo expor como a ativação de arquivos tem sido meu artifício para transitar entre docência e arte em uma pesquisa *bricoleur,* que se constitui por experimentações, sobras e achados.

Palavras-chave: Arquivos de Frequentação; Docência; Arte.

INTRODUÇÃO

Se você tivesse uma cápsula do tempo e pudesse se transportar para qualquer cena de docência agora, qual seria? Quais arquivos você mobilizaria? Faço esta pergunta, pois a ativação de arquivos é meu artificício para transitar entre docência e arte na pesquisa em educação. Fazer pesquisa com arquivos é um modo de me conectar à escola mesmo quando não 'estou' professora, afinal, grande parte da minha dissertação foi feita durante a pandemia[1], em um contexto em que fiquei em isolamento domiciliar. Operar com arquivos é um modo de testemunhar a favor de múltiplas existências (LAPOUJADE, 2017) e de ativar a docência também a partir do ambiente doméstico, além de uma prática de saúde mental, de cuidado e

[1] Pandemia da SARS-CoV-2 (COVID-19) que começou a atingir o Brasil no ano de 2020.

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

de manutenção da vida. Um artifício para vibrar com a vida que pulsa na experiência docente, um modo de 'estar' professora sem estar, de modular as intensidades da memória ao fazer corpo com minúcias, restos e fragmentos de docências[2] de diferentes tempos e lugares. Que pulmão, que garganta, que paladar, que coisas[3] se criam nessas condições de existência? Que estados de corpo? Que estados de docência? Que estados de pesquisa?



Figura 1 - Arquivo de frequentação. Fonte: Acervo pessoal.

Não pretendo dar conta de uma totalidade ao responder estas perguntas, mas arrisco dizer que uma das coisas que se pode criar nessas condições é um modo "vira-lata", um estado "vira-lata" de corpo, de docência, de arte, de pesquisa e, consequentemente, de escrita. Uma escrita-frequentação, escrita-precária, escrita-

[2] Minha pesquisa não é sobre uma escola específica, mas sobre diferentes tempos e lugares relacionados à docência na educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio).
[3] Trata-se de uma noção que engloba todas as forças humanas e não-humanas que existem. A coisa é "um parlamento de fios" (INGOLD, 2012, p.29).

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

híbrida, impura, menor, que não se quer acimentar, que se produz num exercício de afetação. Uma escrita/pesquisa que quer advogar por outros modos de existência (LAPOUJADE, 2017) e que está mais próxima da mesa de bar do que do sagrado de deus (GODOY, s/d). Uma escrita como fluxo – de lixo, de fala, de sobra, de ação – e não como código, que tenta sacudir algo e fazer com que alguma coisa em nós se mexa (DELEUZE, 2013).

Esse "modo" vira-lata não é uma prescrição ou um modelo a ser seguido, mas um gesto que se dá na imanência, movimentado pelo desejo de injetar uma força vira-lata nos estratos que compõem noções majoritárias de arte e de docência. É gesto, porque é uma ação que envolve o corpo todo em movimentos andarilhos, híbridos, farejadores, multissensoriais, não-individualistas e não-essencialistas. Uma pesquisa "vira-lata" opera com o minoritário, com o mínimo, como se despíssemos a docência e a arte de significados grandiosos e mercadológicos. Não pretendo redigir uma autobiografia ou, ainda, revelar uma verdade absoluta sobre arte ou docência. Interessa a esta pesquisa um 'eu' menor, uma educação menor, que "está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressas nas ações cotidianas de cada um" (GALLO, 2017, p.65).

UMA PORÇÃO DE ARQUIVOS

Componho com toda coisa que possa energizar a pesquisa: bilhetes de estudantes, parcerias de pensamento, anotações de leituras, sensações, sonhos, memórias, mapas de ideias, rascunhos, filmes, imagens e até mesmo vazios. Chamo tais "coisas" de arquivos de frequentação , arquivos de vida, acumulados em gavetas, discos rígidos, pendrives, pastas, bolsos, bolsas etc. Arquivos que são atualizados a partir do agora, memórias que são redimensionadas para produzir

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

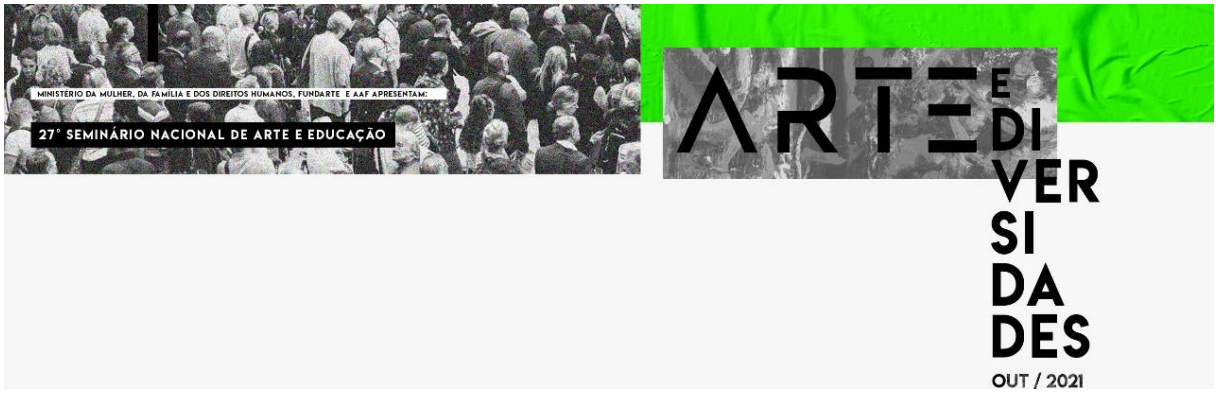
forças vira-latas singulares ‘com’ o que paira entre arte e docência (GARLET, 2018).



Figura 2 - Arquivos de frequentação. Fonte: Acervo pessoal.

O arquivo tanto produz, como registra os eventos, “é sempre precário, incompleto e incapaz de reter a multiplicidade de uma vida” (GARLET, 2018, p.68). Pode ser um preciosismo de quem o produz, o desejo de deixar uma marca de si mesmo para a posteridade, mas neste caso a ideia é injetá-los de vitalidade e fazer dos arquivos matéria para o pensamento (DELEUZE, 1999), matéria para uma pesquisa em educação. Fazer COM os arquivos, produzir COM eles, e modular as intensidades da memória a partir desse inventário de materiais. Em companhia de Garlet (2018, p.62), penso que na docência há estratos, “saberes que a compõe e há arquivos que vão compondo estes estratos com o que é possível ver e falar a cada

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.



vez". Vamos nos constituindo docentes neste emaranhado de coisas que é possível ver e dizer a cada vez, a cada encontro, de modo que "o visto e dito da/na docência produz docência ao mesmo tempo em que é visto e dito" (GARLET, 2018, p.63). Daí a importância de rachar os arquivos, virá-los do avesso e experimentá-los ao invés de interpretá-los.

Os arquivos podem (ou não) ser ficcionais, podem (ou não) ser da minha própria vida, não importa a essência e a individualização, mas sim o que eles podem dar a ver, como eles podem dar vasão a outras coisas, a outros modos de perambular entre docência e arte. Nesta ativação de arquivos, me coloco em um estado permanente de frequentação. Frequentar é ir habitualmente a algum lugar: ocupar, permanecer, insistir e estar à espreita do que vier. A frequentação surge do desejo de fabricar testemunhas sobre modos de existência que não necessariamente existem enquanto corpo, é atitude que visa intensificar virtuais, existências inacabadas, incompletas e, por vezes, até invisíveis (LAPOUJADE, 2017). É um modo de fazer pulsar a docência no 'agora' desta escrita (GARLET, 2018), mesmo nas férias, mesmo nos feriados, mesmo em meio a uma pandemia, mesmo quando o encontro e a presença física não são possíveis. Frequento arquivos para trazê-los à vida (INGOLD, 2012), para ocupá-los de outras formas, por outras vias de acesso, para "acionar, disparar e violentar o pensamento frente a diferentes encontros e afecções" (MOSSI; OLIVEIRA, 2019, p. 217), para colocá-los crus e disponíveis a diferentes tramas e variações.

FREQUENTAÇÃO BRICOLEUR

A frequentação é a ação de frequentar e está relacionada a assiduidade, ligação e familiaridade. Meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) foi intitulado “Notas de frequentação: cotidiano, burocracia e esgotamento[4]” e culminou no trabalho poético “Notas de frequentação”, exposto na Galeria de Arte Loide Schwambach no ano de 2018. As Notas são excertos de momentos transformados em textos que não possuem regras ou um formato pré-estabelecido, porque foram escritas em meio à experiência, capturando vozes, sons, movimentos, cores e os mais variados tipos de interações cotidianas:

> As Notas de frequentação são um bilhete para lembrar. Um ato de afeto e cuidado que se manifesta através do desejo de transformar o que eu vejo em texto. O desejo de guardar para depois. Guardar para depois para sentir de novo, viver de novo, viver de outras formas. Guardar para depois para poder compartilhar e gerar novas energias, vidas e sentidos para o guardado. Guardar para depois, para inventariar. Guardar para depois, porque quase tudo o que eu guardo, exceto algumas comidas que acabam estragando na geladeira, são guardadas para serem lembradas, porque me afetam de alguma forma (MARQUES, 2018, p. 44-46).

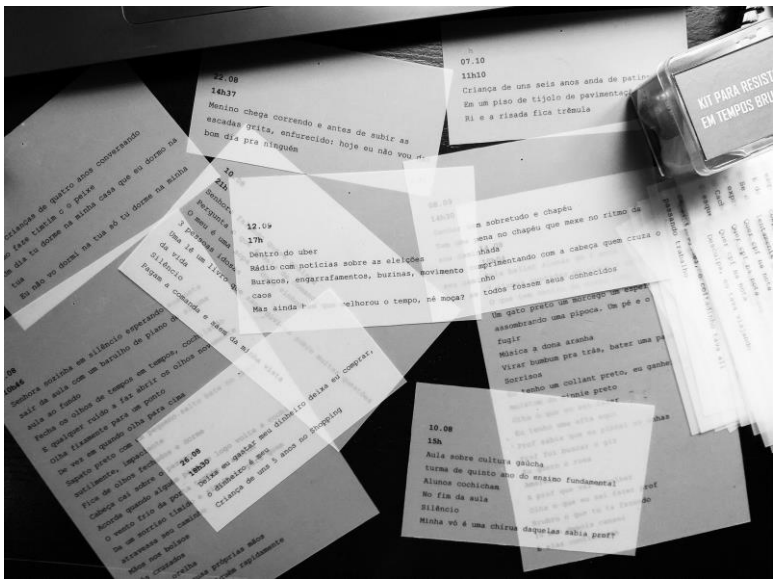


Figura 3 - Notas de frequentação. Fonte: Acervo pessoal.

[4] Orientado em 2018 pela Prof.ª Dra. Carmen Lúcia Capra.

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.



As Notas de frequentação são um convite à experiência de colecionar pequenas existências. São um convite a destinar o tempo a algo que convoque outras utilidades e funcionalidades. São um convite a registrar de acordo com a afetação dos sentidos, sem ordem, hierarquia ou periodicidade (PEREC, 2016). São um convite a inventariar coisas vistas, apreendidas e estranhadas, explorando os estados perceptivos e cognitivos ordinários (QUINTANE, 2004). Inicialmente as frequentações assumiram o formato de notas e, naquele momento, pareceu importante provocar restrições para que o imprevisto acontecesse. Estas restrições foram as situações que me coloquei como coletora de frequentações: Fiquei sentada em bancos de praças, salas de espera e cafés por longos períodos durante o segundo semestre de 2018.

No entanto, na dissertação a frequentação não é limitada ao formato de notas ou a uma temporalidade específica, mas é uma força mobilizadora, uma postura atenta e à espreita (DELEUZE; PARNET, 1998) de acontecimentos que possam mover tensionamentos entre docência e arte, que possam povoar a escrita de multiplicidades singulares. A frequentação é um artifício para fazer germinar uma escrita voltada para a experimentação, para fazer os conceitos ganharem consistência, incorporarem-se à vida e ao campo problemático da pesquisa. É um meio de "tornar visíveis as desimportâncias que convivem com as importâncias da escola" (FISCHER; LOPONTE, 2020, p.5), mas sem atribuir juízos de valor ou interpretações que enclausurem os arquivos em uma significação.

A pesquisa enquanto bricolagem é antropofágica, experimental, farejadora e não pretende dar conta de uma totalidade. No entanto, a aliança com a bricolagem não faz a pesquisa perder o rigor. Não é como se qualquer coisa servisse ou como se fosse feita de qualquer jeito, porque a bricolagem também envolve processos rigorosos de construção, reconstrução e negociação. Nesse movimento, busco

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

deslocar os arquivos de frequentação no tempo, desterritorializá-los, proliferando suas conexões e fazendo-os vibrar em outras intensidades (DELEUZE; GUATTARI, 2017).

MANIFESTO

SOU A FAVOR DE UMA PESQUISA
ENTRE DOCÊNCIA E ARTE QUE SEJA
VIRA-LATA, QUE TENHA A CHANCE DE
RECOMEÇAR DO ZERO.
SOU A FAVOR DE UMA PESQUISA QUE
SE MISTURE COM A SUJEIRA
COTIDIANA.
QUE SEJA CÔMICA, SE FOR
NECESSÁRIO, OU VIOLENTA, OU O
QUE FOR NECESSÁRIO.
SOU A FAVOR DE UMA PESQUISA QUE
TOME SUAS FORMAS DAS LINHAS DA
PRÓPRIA VIDA, QUE GIRE E SE
ESTENDA E ACUMULE E CUSPA E
GOTEJE, E SEJA DENSA E TOSCA E
FRANCA E ESTÚPIDA COMO A
PRÓPRIA VIDA.
SOU A FAVOR DE UMA PESQUISA QUE
SE LAMBE DEPOIS DE RASGAR A
EMBALAGEM.
QUE É COMIDA, COMO UM PEDAÇO
DE BOLO, OU DESCARTADA, COM
TOTAL DESDÉM, COMO MERDA.
QUE MANCHA, ROLA E PULA E CORRE
E LATE E MIA.
DOS CANTOS DA BOCA.
SOU A FAVOR DE UMA PESQUISA EM
QUE VOCÊ TROPEÇA.
DE UMA PESQUISA QUE FAZ SUAR O
SOVACO. DE UMA PESQUISA DE

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

ESMAGAR BATATAS.
DE UMA PESQUISA QUE CRESCE NUM VASO, QUE DESCE DO CÉU À NOITE, COMO UM RAIO DE SOL E SE ESCONDE NAS NUVENS. E SE MISTURA ENTRE A TERRA E O CÉU.
QUE VOCÊ PODE SUJAR DE COMIDA SEM DÓ, COMO UM PANO DE PRATO VELHO.
SOU A FAVOR DE UMA PESQUISA QUE VOCÊ USA PARA MARTELAR, ALINHAVAR, COSTURAR, DANÇAR, COLAR, ARQUIVAR.
SOU A FAVOR DE UMA PESQUISA DE LAVAR PALAVRAS,
SOU A FAVOR DE UMA PESQUISA DE JOELHOS ARRANHADOS E TRAKINAGENS, QUE SE PENDURA NA ÁRVORE. QUE SE SUJA E BRINCA COM TERRA.
QUE PARTICIPA COM A COISA NA SUA COISIFICAÇÃO.
SOU A FAVOR DE UMA PESQUISA DE PALITAR OS DENTES, DE TOMAR CHÁ.
QUE PISCA, ILUMIMANDO A NOITE.
QUE CAI, BORRIFA, PULA, SACODE, ACENDA E APAGA.
SOU A FAVOR DA PESQUISA DO MOFO, DA FERRUGEM E DAS TRAÇAS.
SOU A FAVOR DA PESQUISA DOS OBJETOS PERDIDOS OU JOGADOS FORA NA VOLTA DA ESCOLA.
DAS CAIXAS ABANDONADAS,
SOU A FAVOR DE UMA PESQUISA PRONTA PARA COZINHAR

(Inspirado no Manifesto "Sou a favor de uma arte...", de Claes Oldenburg).

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.



Figura 4 - Arquivos de frequentação. Fonte: acervo pessoal.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Por ora, destaco dois valiosos aprendizados:

1. Ninguém faz pesquisa só: Uma escrita se faz a muitas mãos, pés, corpos, vozes. Muitas vezes nos ensinam desde pequenas(os) a valorizar o individual e a marcar território no que é nosso assinando o nome no canto da folha, de preferência em um canto bem discreto para não “estragar” o trabalho. Pode ser doloroso e demorado estabelecer vínculos menos individualistas, preciosistas e dogmáticos com a escrita, mas é algo necessário e importante. Segundo Derdyk (2015, p.25-26), o que nos impede de exercer o nosso desejo criativo é “a concepção de nós mesmos como um ser acabado e estável, agarrado a uma ideia de eu”. Para soltar esse “eu”, parece preciso deslocar-se do pessoal para o político e desvincular-se de uma ideia que se pretende universal, racionalista e moderna de sujeito e de objeto, desviando o foco para a relação, para os fluxos e intensidades que se dão nos agenciamentos coletivos (DELEUZE; GUATTARI, 2011). Por

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.

exemplo, posso dizer que apenas neste parágrafo aqui existem muitas ideias, mas não sou proprietária delas, pois elas são produzidas por uma multiplicidade de encontros e acontecimentos[5].

2. O pensamento precisa de uma faísca: Não pensamos a partir do nada, uma faísca e um disparo são sempre necessários. O pensamento não nasce com o ser humano, ele precisa ser acionado (MOSSI; OLIVEIRA, 2019) por meio de movimentos de invenção e não só de reprodução ou representação. Envolve experimentação e não interpretação, já que "a experimentação é sempre o atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer" (DELEUZE, 2013, p. 136). Por essas e outras o pensamento é um movimento tão complexo, já que envolve, necessariamente, um trabalho sobre si mesma(o) e uma série de tensões, desafios e paradoxos. Essas faíscas que o pensamento necessita não tem a ver com o estereótipo de 'gênio' que precisa de uma inspiração transcendental para produzir e exteriorizar seu dom divino, mas com ação, com um movimento de corpo todo que se dá na imanência, na precariedade da vida comum. As faíscas fazem parte da vida imanente e provocam desejos de criação, movimentos caleidoscópicos de coisas que talvez nunca existissem (LAPOUJADE, 2017), mas nem sempre são confortáveis, porque nos obrigam a lidar com a falha, com o "não saber", o cansaço, a exaustão, o medo, entre outras sensações não tão agradáveis, mas que nos colocam em ação e ativam o corpo inteiro.

Levando em conta esses dois aprendizados, uma pesquisa *bricoleur* pode ser um modo (entre tantos outros) de vazar alguns territórios que instituem formas e fôrmas individualistas e rígidas de organização do pensamento. Por isso, entendo a

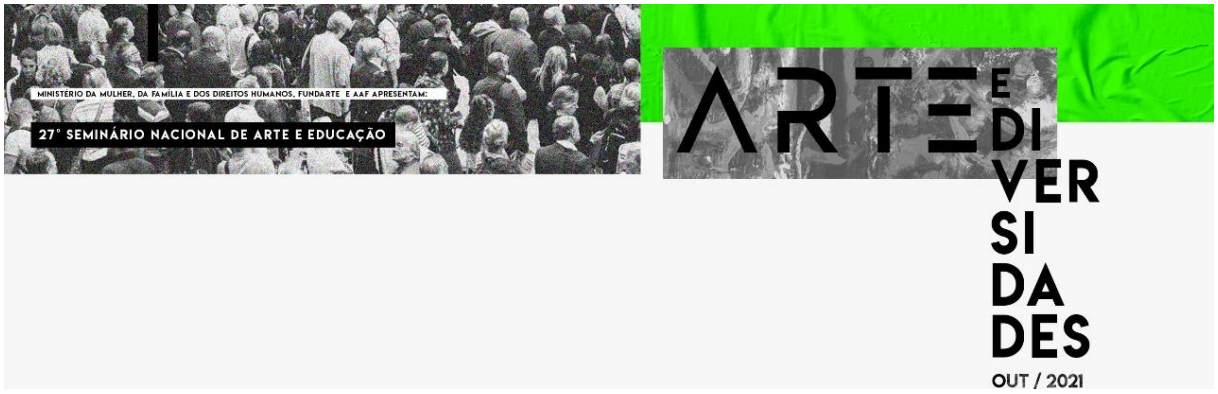
[5] Orientados pelo Prof. Dr. Cristian Mossi, nossa dissertação vem se construindo de um modo muito generoso, coletivo e colaborativo. Assim, posso dizer que esta escrita também é composta pelos encontros com as/os queridas(os) Ariberto Filho, Cristian Mossi, Fernanda Varella, Gustavo Tessler, Ilana Machado, Thainan Piuco e Vitória Bombassaro.

frequentação *bricoleur* não só como forma de organizar ou orientar uma investigação, mas como uma espécie de devir (NUNES, 2014), que se apresenta como revolta contra os fluxos instituídos, propondo configurações que não acimentem a criação e que sejam, acima de tudo, uma postura ética e política perante a vida. Nesse brincar de materiais e forças podemos pensar na frequentação *bricoleur* como um fermento, um catalisador, como algo que "faz multiplicar e crescer as possibilidades do pensamento" (GALLO, 2017, p.48). Como um processo que vê potência em fragmentos, restos, acasos e achados. Para que essas pretensões ganhem corpo na pesquisa, é necessário cuidado e observação, um modo de estar atenta(o) que implica "estar viva(o) para o mundo" (INGOLD, 2015, p.13) ou, ainda, estar viva(o) COM, JUNTO e PARA o mundo.



Figura 5 - Arquivos de frequentação. Fonte: Acervo pessoal.

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.



Referências:

DELEUZE, Gilles. *O ato de criação*. Folha de São Paulo, v. 27, p. 4, 1999.

_____. *Conversações* (1972-1990). São Paulo: Editora 34, 2013.

_____; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

_____; GUATTARI, *Félix. Kafka: por uma literatura menor.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

_____;_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2, vol.1. São Paulo: Editora 34, 2011.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil*. Porto Alegre: Zouk, 2015.

FISCHER, Débora; LOPONTE, Luciana. *Modos de habitar a escola: o que somos capazes de inventar?* Revista Educação, v. 45, Santa Maria, 2020.

GALLO, Sílvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

GARLET, Francieli R. *Entre o visível e o enunciável em educação: O que pode uma docência que cava a si mesma?* Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

GODOY, Ana. *Podcast O que é preciso para escrever?*, s/d. Disponível em:< https://soundcloud.com/anagodoyp/o-que-e-preciso-para-escrever>. Acesso em setembro de 2021.

INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais*. Horizontes antropológicos, v. 18, n. 37, p. 25-44, 2012.

_____. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

LAPOUJADE, David. *As existências mínimas*. São Paulo: n-1 edições, 2017.

MARQUES, Mayra C. *Notas de frequentação: cotidiano, burocracia e esgotamento.*

MARQUES, Mayra Corrêa; MOSSI, Cristian Poletti. Bricolagens com arquivos de frequentação em uma pesquisa entre docência e arte. *Anais*... 27º Seminário Nacional de Arte e Educação. Montenegro: Editora da FUNDARTE, p.01-14, 2021.
Disponível em: http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/issue/current em 30 de novembro de 2021.



Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Montenegro, 2018.

MOSSI, Cristian P.; OLIVEIRA, Marilda O. *"Sábados com Deleuze*": *Imagens na escrita e escrever pelo fora entre arte, pesquisa e educação*. Revista Teias v. 20, n. 56, Jan./Mar. 2019.

NUNES, Aline. *Sobre a pesquisa enquanto bricolagem, reflexões sobre o pesquisador como bricoleur*. Revista Digital do LAV Santa Maria, v. 7, n.2, p. 30-41, 2014.

OLDENBURG, Claes. *Sou a favor de uma arte*... (1961) In: Escritos de artistas: anos 60 e 70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

PEREC, Georges. *Tentativa de esgotamento de um local parisiense*. São Paulo: Gustavo Gili, 2016.

QUINTANE, Nathalie. *Começo [autobiografia]*. São Paulo: Cosac & Naify; Rio de Janeiro: Viveiros de Castro Editora, 2004. – (Coleção Ás de colete; v. 7).